



Fabulário

FABULÁRIO EDIÇÃO #01

E NINGUÉM NUNCA MAIS ...

Fábula vem do latim e queria dizer estória (no sentido de conto, narrativa). Com o tempo, a Fábula foi associada com histórias de fundo moral que envolviam objetos e animais, mas este nunca foi seu único significado. Diversas palavras derivam de Fábula: fabular/contar; confabular/mentir, fabuloso/maravilhoso... Todas elas sempre ligadas ao imaginário, ao incrível.

E o que é um Fabulário senão uma coleção dessas estórias, contos, narrativas fantásticas que perambulam pelo imaginário dos povos? O que é senão uma fonte de mundos e situações possíveis e impossíveis onde os homens buscam sua... diversão? Ou haveria algo maior?

E então? Morreram as histórias? Tudo já foi contado, imaginado e mentido? Nós achamos que não.

Nessa edição, nos dedicamos a contar novas histórias e refletir sobre algumas que já foram contadas. Do segundo grupo, trazemos Ítalo Calvino, Marco Polo e Kublai Khan (Cidades Invisíveis) e um breve panorama, assinado por Filipi Andrade, sobre as histórias de pacto com o Demônio.

Na Ficção, Paula Betereli inicia um rico folhetim, lá do interior das Gerais. Joyce Nicioli conta-nos uma meiga e sinistra estória infantil. E Luiz Pires, inspirado pela antologia "Ficção de Polpa", revela numa história cotidiana o que pode ocultar-se em uma simples perfumaria.

Tadeu Costa Andrade, caminhando sobre a nuance que separa criação e reflexão, retoma as Fábulas de Esopo, traduzindo-as diretamente do grego e reescrevendo-as sob nova ótica.

Ainda entre os dois grupos, teoria e a ficção (quem sabe), Rafael Castro e Rulf Solarien nos trazem, por meio de um ensaio acadêmico, hilariante visão sobre a pós-morte que se desdobra, enfim, em uma real reflexão sobre a vida.

Nas páginas finais, você encontrará um quadrinho, inventado por nós e interpretado pelo ilustrador Luiz.

Nossa edição #1 está sendo lançada especialmente na II Mostra de Curta-Metragem Fantástico de Ilha Comprida, no litoral sul de São Paulo - um dos maiores festivais brasileiros do gênero.

Expediente



Conselho editorial: Joyce Nicioli, Luiz Pires, Paula Betereli, Rafael Castro e Tadeu Costa Andrade.

Capa: Paula Betereli.

Diagramação e revisão: Luiz Pires e Paula Betereli.

Colaborador: Filipi Andrade.

Agradecemos especialmente a L. R. Fernandes pela indicação da mostra e todo o apoio oferecido.

Créditos das Ilustrações

Página 2: Detalhe de "Fillide" (2006), aquarela da série "As Cidades Invisíveis", da artista plástica Collen Corradi Brannigan.

Página 5: Detalhe de "A Sculpture Gallery" (1867) de Sir Lawrence Alma-Tadema.

Página 6: Ilustração de Joyce Nicioli.

Página 7: Detalhe da litografia de Edmund Brüning, fantasmagórico ilustrador da Edição de 1865 do Fausto de Goethe.

Errata: A capa da Edição Beta, não creditada, é de Luiz Pires.

Acesse nosso blog:

www.fabulariozine.blogspot.com

Da arte de contar verdades

por Paula Carolina Betereli

Entre tantas das obras primas concebidas pelo escritor Ítalo Calvino, Cidades Invisíveis (Le Città Invisibili, 1972) é a mais conhecida, disputando a linha de chegada com o recente Seis Propostas para o Novo Milênio. Com requinte e maestria, o leitor é enveredado pelo vasto império sem fim nem começo do mongol Kublai Khan. Quem nos encaminha pelos desertos é o eterno viajante Marco Polo, com a missão de visitar e relatar as cores e formas de todas as cidades do território imperial.

Cidade-mulheres desfilam pelos olhos do viajante e pelos nossos. Isaura, Despina, Otávia se fazem símbolos extensos, fora do radar sensorial: cidades espedalhadas, repetidas, que se expandem e retraem, cidades conceituais e outras sem sentido. Em panorama, cidades fantásticas. Intrigado com as descrições de Polo, Khan indaga o porquê de tantos inventares. Seriam as tais verdadeiras descobertas ou pura imaginação do navegante? Não há como optar: as cidades de Calvino não têm território, fogem da cristalização do tempo e aceitam o destino dialético da existência. Reconhecendo isso, Khan enquadra no mesmo Atlas as cidades que já existiram, as que não existem mais, as que nunca existirão.

Calvino faz uso de uma curiosa lógica para entrelaçar seus pequenos textos, compondo mais uma de suas redes simbólicas. O autor parece criar em Palomar (1983) uma lógica semelhante, abrindo suas tramas de linhas narrativas do particular ao universal. Em Cidades Invisíveis, as descrições são agrupadas em blocos temáticos que se dispersam por capítulos numerados, sempre iniciados e finalizados pelas conversas de Khan e Polo. Tão ricas quanto as descrições são estas discussões travadas entre os dois protagonistas, filosofia literária universalizante, encantadora e, a seu modo, sincera.

Ler Cidades Invisíveis e (ler Calvino em geral) é tomar outra consciência da literatura: aquela em que se desconstrói o real na linguagem do fantástico-lúdico (como em O Barão nas Árvores e O Cavaleiro Inexistente) para compreender o mundo que nos circunda e que circundamos. Lê-lo é sofrer da descoberta e do espanto de ter nas mãos um livro sem segredos, cujos artifícios se desvendam naturalmente.

Se é dito que a arte é uma mentira que ajuda a compreender a verdade, Calvino subverte o esquema e faz arte verdadeira para compreender o porquê das mentiras.

Se é dito que a arte é uma mentira que ajuda a compreender a verdade, Calvino subverte o esquema e faz arte verdadeira para compreender o porquê das mentiras.

As Cidades Invisíveis

Editora: Companhia das Letras

Ano: 2000

Número de páginas: 150

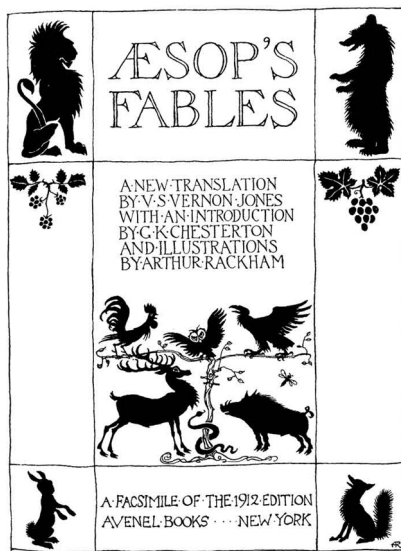
Fábulas

por Tadeu Costa Andrade

Não há ninguém que não tenha ouvido falar das fábulas de Esopo. Mesmo que não conheça seu nome, com certeza já escutou as histórias "A cigarra e as formigas" e "A tartaruga e a lebre". Ao que consta, Esopo seria um escravo na Grécia Antiga que teria viajado por quase todo mundo então conhecido e composto diversas histórias curtas, então chamadas fábulas. Não se sabe se Esopo realmente existiu, nem se todas as histórias que hoje se atribuem a ele são de sua autoria, sendo que a compilação dessas fábulas em um volume foi feita muito tardiamente, quase dois séculos depois da época em que se pensa que ele tenha vivido (século VI a.C). Em síntese, suas fábulas são narrativas simples, nas quais a relação entre os personagens (na maior parte das vezes animais) figuram uma lição moral. As famosas "morais", que encontramos nos finais das histórias, são adições posteriores, feitas pelos próprios gregos. Inicialmente sendo contadas para crianças e usadas em discursos, logo as fábulas ganharam um caráter artístico, que foi seguido por muitos autores, desembocando no conhecido La Fontaine, no século XVIII.

Em português, temos muitas edições dessas fábulas, mas, (pelo que eu conheço), não existe uma tradução completa, fazendo com que desconhecamos grande parte da obra de Esopo. Desta forma, me propus a trazer algumas dessas histórias (principalmente as mais desconhecidas) do grego para o português.

Além disso, vendo essas histórias sendo tantas vezes contadas e repetidas, suas morais tantas vezes ouvidas, passei a pensar se aquelas proposições, pretendidas universais quando inventadas, poderiam fazer sentido para nós nos dias de hoje; se aquelas mesmas situações e personagens poderiam significar outras coisas; se a própria estrutura da fábula poderia chegar a outros limites. Considerei se elas não poderiam ser relidas, e estas são as primeiras tentativas (bem tímidas, é verdade). Nesse número, resolvi, nas duas fábulas, manter a estrutura básica das originais, mudando os personagens em pequena medida e afetando, sobretudo, as suas morais. Vejamos o resultado...



Primeira ilustração para o livro "Fábulas de Esopo", edição nova iorquina de 1912.

Os Bens e os Males

Os Bens, por serem fracos, foram perseguidos pelos Males. Eles foram ao céu e pergutaram a Zeus como agir em relação aos homens. Ele disse: "não vão todos juntos a eles, mas um a um". Por isso, enquanto os Males, por estarem próximos, vão incessantemente aos homens, os Bens vão lentos, descendo do céu.

A fábula mostra que ninguém atinge os bens rapidamente, mas cada um, a cada dia, é ferido pelos males.

*"You want the greatest thing
The greatest thing since bread came sliced.
You've got it all, you've got it sized.
Like a Friday fashion show teenager
Freezing in the corner
Trying to look like you don't try."
- R. E. M, Imitation of Life*

Há muito tempo, os Males e os Bens governaram entre os homens. Em guerra encarniçada e infinda, disputavam o senhorio sobre as nações. Eram sob uns que os povos encolhiam-se de medo e reverência e a outros que peregrinavam como a salvadores. Mas sendo a Guerra posta à prova por aquilo que consome as rixas (mesmo as Infinitas), os Bens, por sua fraqueza, cederam aos Males. Fugiram ao céu e junto a Zeus, perguntaram o que fazer agora quanto aos homens. Ele respondeu: "Nada. É chegado o tempo da paz entre os homens. Aqui é sua nova morada, aonde jamais qualquer vida humana chegará a pisar". Respirando, enfim, aliviados, livres de seus perseguidores, mergulharam sob um longo sono. Zeus, sorrindo, vendo o sono contente e silencioso de seus filhos, resolveu dar-lhe o fim que os espera: fulminante, veio sua irmã (mais delicada e mais eterna), e os Bens já não eram.

(...) livres de seus perseguidores, mergulharam sob um longo sono.

Os Males triunfaram mas, em seus corações, os homens perceberam a partida de seus constantes salvadores e, num fundo desespero, lançavam-se na escuridão (sem saber seguir o mesmo destino de seus senhores). Vendo os Males que não haviam conquistado senão um reino agonizante demais para que existisse, foram-se também aos céus e, encontrando também Zeus, interpelaram-no, indignados com tão imerecida vitória. Enternecido por esses seus filhos mais bastardos (e talvez mais queridos), Zeus ofereceu um banquete e, quando um dos Males (a Curiosidade, se não me falha) lhe perguntou de onde vinha tão saborosa especiaria, Zeus então revelou-lhes precioso segredo: o que poderia ser senão a carne macia dos Bens? Gargalharam os heróis de regozijo frente à engenhosidade do pai, sem perceber que o humor do sutil sono destilado da medula ingerida preenchi-lhes. Um a um caíam sobre a travessa, pensando todos que se tratava do vinho que estava forte. Olhando, ainda enternecido, tendo saudades do próprio pai¹, Zeus devorou-lhes todos. Agora era ele só, único senhor dos homens, única luz difusa a ser contemplada no horizonte.

Mas como os homens se mostrassem desorientados, sem chefes a seguir e tiranos a temer, Zeus lançou os ossos restantes ao ar, que tornaram-se astros errantes. Em algumas

¹ Cronos, o titã que era pai dos deuses. Prevendo que seria morto por um dos seus filhos, devorava-os todos. Foi derrotado e exilado por Zeus, o mais jovem entre eles.

noites menos nubladas, alguns homens podem vê-los e, um pouco mais agitados, dizem a seus companheiros que seus senhores voltaram.

A fábula mostra que embora os homens reconheçam alegrias e tristezas em seu dia-a-dia, esses não são mais do que a carcaça do que um dia foram.

O Vendedor de Estátuas

Um homem preparou um Hermes de madeira e levando-o à ágora, vendia-o. Como nenhum comprador se aproximava, querendo chamar alguns para si, ele gritou que vendia um gênio benfazejo e doador de graças. Um homem entre os que estavam próximos disse: "Oh, homem, e porque, sendo ele tal, o vendes, ao invés de através dele tu mesmo tirares benefícios?". "Eu distingui que preciso de um benefício rápido, mas ele dava as graças lentamente."

A fábula oportuna diz que nem os deuses preocupam ao homem vergonhosamente cobiçoso.

Um vendedor de estátuas construiu um homem de madeira e, levando-o à praça, vendia-o. Passando um rico homem, gritando, ele ofereceu sua estátua, no entanto, o homem respondeu: "Por que eu compraria sua estátua? Isso? Só um objeto. Tenho muitos servos, homens e mulheres, que me adornem a fortuna e muitos amigos que compartilhem sua sabedoria. Não preciso de imitações baratas".

Um pouco desanimado, o mercador voltou para casa e encomendou os materiais mais raros: ouro, gemas, as ferramentas mais caras. Sem voltar para a praça, trabalhou dias a fio e fez outro homem, alto e belo: precioso. Voltando enfim à praça e vendo o rico passar novamente, mostrou-lhe nova obra, ele respondeu: "Belo conjunto! Realmente precioso! Mas que farei com um homem destes? Mais válida seria uma coroa! Tenho muitos servos, homens e mulheres, que me adornem a fortuna e muitos amigos que compartilhem sua sabedoria. Não preciso de imitações".

Não sabendo o que mais fazer, o vendedor, instruído e religioso, lançou-se aos mistérios antigos, conhecidos pelos pais do ofício. Reunindo instrumentos e substâncias que seriam inominadas ele foi a seu laboratório...

E dando-se o homem rico por falta daquele mercador tão insistente, diante de meses de ausência, foi à casa dele, ver o que tinha-lhe ocorrido: acidente, doença, viagem? Chegando, deparou-se apenas com uma estátua, a mais bela estátua que já vira. Disse: "Que lindo auto-retrato! É quase como falasse!"

"Mas quase."

A fábula oportuna diz que nem representar-se nem ser a imagem de si mesmo é dado ao homem (vergonhosamente).

Ela...

por Joyce Nicioli

Ela completou 10 anos naquela semana, mas já sabia muito bem seu destino. Sonhava com algo desde seus 5 anos e sabia muito bem que nesse algo encontraria alívio para toda aquela aflição de viver.

Todos lhe diziam "tão nova, mas tão melancólica", e ela apenas ria, graciosamente, por um bom tempo. Ela sabia que mesmo tirando boas notas e sendo a queridinha da professora e de muitos dos outros alunos, seus olhos, um azul e outro verde, transbordavam um vazio, que dentro dela não tinha fim.

Em toda sua pequena existência ela fingiu se importar, fingiu amar sua família e "amigos", mas aquele vazio nunca permitiu isso, ele preenchia sua mente e seus sentimentos por completo, e a cada instante parecia crescer mais, tornando tudo muito difícil e praticamente impossível.

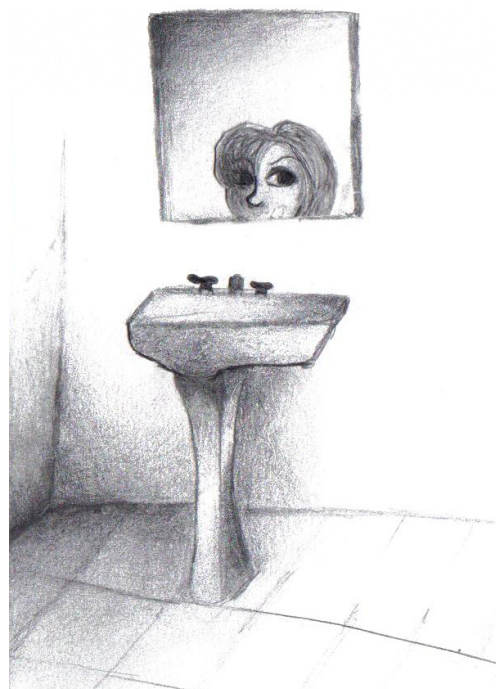
Às vezes não dormia, com medo de fechar seus olhos e aquilo que tanto temia e aguardava chegasse. Assim, depois de duas noites de insônia ela teve o encontro com sua sorte. Sentada na rede adormeceu de cansaço, mas parecia estar acordada, mas devia estar sonhando, ela não entendia o que estava acontecendo, via e sentia um mundo sombrio e desconhecido.

Acordou enquanto caía no chão, bateu o rosto no cimento e sentiu o gosto do seu sangue em seus lábios. Correu para o banheiro e se olhou no espelho, era só um corte. Mas havia algo mais, seus olhos, antes claros e muito elogiados, tinham uma cor estranha, um escuro tão forte, tão apaixonante, após se olhar longamente ela teve de se concentrar para desviar os novos olhos daquela sua imagem.

Ela deu um grande sorriso, as coisas tomavam seu rumo e todos os seus medos se transformaram em um forte desejo de descobrir o seu fim. Aquilo tudo que viu adormecida voltava em sua mente, cada vez mais vivo, parecia pulsar e pulsar mais forte, insistentemente.

Olhou-se no espelho novamente e já não se reconhecia. Olhos negros, todos dentes pontudos, a pele ainda branca agora brilhava estranhamente verde, tudo estava diferente. Não tinha mais aquele vazio, sentiu-se preenchida por todas aquelas coisas estranhas que ela viu em seu "sonho" e que agora eram realidade dentro dela.

Ela sabia o que fazer, e agora, finalmente, ela sentia, por seus amigos e parentes, por tudo e todos.



O grande criador de pactos: o Diabo

por Filipi Andrade

Os mitos verdadeiros são aqueles que repousam no imaginário do ser humano, independentes de serem realidade concreta ou não – são reais porque a mente humana os torna vivos. Há alguns deles, porém, que marcaram historicamente a humanidade.

Esse é o caso do pacto com o Diabo. Surgido no período medieval e fortificado na época da inquisição, ele sobreviveu ao fim do domínio católico de pensamento, e continuou a povoar a imaginação até o século XX.

Os contornos do mito são conhecidos por todos: homens insatisfeitos com suas condições humanas recorrem a um acordo com o Diabo, que os permite fazer coisas impossíveis e maravilhosas. Em troca, o mortal perde a sua alma.

Essa história ganhou força com a existência de um certo doutor alemão chamado Fausto, que viveu entre os séculos XV e XVI, e, devido a seus grandes conhecimentos e atividades científicas e alquímicas, foi tomado pela população por "pactário". Esse homem, sobre o qual pouco se sabe, foi modelo para diversas narrativas que têm como tema o pacto diabólico, e que passaram a se chamar "fáusticas". Entre as obras centrais, destacam-se o "Fausto" de Goethe e o "Doutor Fausto" de Thomas Mann. No Brasil, têm relevo na tradição o "Macário" de Álvares de Azevedo e o "Grande Sertão: Veredas" de Guimarães Rosa.

É realmente curioso o fato de um mito ser forte o suficiente para ser ambientado tanto na Idade Média, como em Goethe, quanto na Alemanha do século XX, como em Mann, e até no sertão mineiro, como em Rosa. Isso tudo sem perder a força e a representatividade do espírito humano. Cada uma dessas (e outras tantas) obras que representam o "fáustico" é singular, e muitas vezes distintíssima com relação às outras. Como uma história que para muitos parece mera superstição fruto do imaginário de espíritos simples consegue essa polimorfia tão admirável?

Essa é a pergunta sobre a qual se debruçam críticos literários, filósofos e antropólogos, infelizmente (ou felizmente?) sem chegar a um consenso. Sim, porque já foram feitas as interpretações mais diversas nas mais diferentes áreas das ciências humanas sobre essa história, sem que jamais se julgasse esgotado o assunto.

Algo que pode ser dito referente a isso é que Fausto sempre foi tido como um ambicioso incorrigível – daí a recorrência do final trágico de sua existência, embora em muitas obras isso não se dê. Vale lembrar, porém, que esse mito surge no fim da Idade Média, época em que, segundo alguns autores, o ser humano do ocidente perde definitivamente a confiança nas verdades fundamentais que sustentavam sua vida. É nesse período que o sentido da vida se perde, e o homem, desamparado, sem divindade que lhe dê as forças necessárias para a vida plena que deseja, recolhe-se para si mesmo e clama ajuda daquele que sempre foi considerado egoísta, presunçoso e ambicioso: o Diabo.

Mas essa é só uma das teorias que povoam o terreno das interpretações do mito "fáustico". Correto mesmo é conhecer por dentro as obras que deram tanta tanta força a essa história e, se possível, atingir uma interpretação. Fica ao encargo de todos nós, os leitores.

Lucas não lembra da infância

por Paula Carolina Betereli

Parte 1- Da chegada de João

*"As casas baixas, as pessoas pobres,
e o sol da tarde,
imaginaí o que era o sol da tarde
sobre a nossa fragilidade."*

- Adélia Prado, *Poema começado do fim*.

Os negócios. Tudo arrumado, subia a serra em busca de Ceci. O carro, azul demais do entardecer, tropengava na estradinha de serras, a cerca rente, as vacas olhando firmes. Renato parecia dormir, os olhos pra fora do carro. "Já reparou, o mato, no escuro, é como bicho novo escondido de vergonha?". A noite caía ligeira, primeiro nas serras e serras, protegendo as matas avergonhadas, depois rolava os capins, agarrava as vacas pelos pés, devia de rolar estradinha abaixo, feito riacho, desembocar em Patrocínio feito brilhante no cabelo das moças. A praça se alumia e era sábado. Só festividade, semi-ressequida dos anos.

À porta da fazenda desfiz as voltas das correntes e, no avarandado, banhada de noite, ela me aguardava cheirando a vem de verde, mais grave que as rosas. O cabelo, nas pontas, guardava as águas castanhas.

Sentiu meu cheiro de terra subida, de cerveja quente e tomou das minhas mãos a chave do dirigível: ela o faria voar? Da chácara, móveis amadeirados, surgia a prima, loira, loiríssima, boba. Tropicava pra descer a escadinha, metia o salto nas pedrinhas azuis. Ceci me informa que, desta vez, a prima vai também. "A Tia deixou". A Tia também aparece avarandada, me beija a cabeça, faz recomendações e ais. De careta, se embrulha no pijama e adentra o quente dos tijolos vermelhos.

O carro azul desliza serra abaixo. Eu, ansioso, ensaio explicar a Ceci os negócios. "Hoje não é dia", ela no volante, eu no passageiro, Renato e as vacas, a menina com as mãos entre as coxas, sem gracinha. "Mas que já tá tudo no jeito - explicito - vem um Rogério, de Patos, sei lá, pernoitar aqui, é festa de Santa Bárbara", eu no passageiro, ela no volante, Renato e as coxas da menina, a menina distraída olhando as vacas. Ela me desmonta, no riso: "Rogério, ah, esse não tem parceiro, vai é arranjar um qualquer de calçada". Minto, "já se arranjou, um moço bom". Ela faz que não me ouve, levanta o pescoço pra alcançar os olhos no espelhinho e enquadra a prima, "E tu? Tá de encontro marcado ou tá à toa, que não me queria falar na frente da Tia?". A menina ajeita a saia curta dando um pulinhos, diz que não tá de nada, vai ver amiga, tomar sorvete cascão. O Renato sorri gatunices pra janela, horizonte já sem vacas, beirando as casinhas remotas da Patrocínio central. A cidade iluminada recebe nosso azulado com ternura. Por aí um grita, outro pousa na janela, bota o corpo pra dentro "Arre Ceci, larga desse calhambeque e vem que eu te mostro o que é carro bão".

Na porta do boteco verde, ela dispensa a prima de mão dada com uma magrelinha de cabelo estufado, diz que chama daqui a pouco, que tinha um lugar, uma coisa, o cochicho eu não escuto bem. O Renato entra em fila atrás de mim, eu atrás dela, ela empaca pra abraçar um alguém, outro alguém que a levanta do chão, finalmente acessa o balcão, pede cachaça que não vai beber e vai pra mesa de Rogério mais comparsa recém angariado. O tempo de Ceci, do bar, parece acelerado.

Sempre tive essa besta sensação de que ela, de modo, governava o tempo-espaco, a órbita, as constelações. Quando a gente deitava na pedra do Santantônio ela dizia, corpo suspenso no es-

Já reparou, o mato, no escuro, é como bicho novo escondido de vergonha?

curo da madrugada, que tirava a estrela de um lugar e enfiava n'outro, até as Três Marias, inseparáveis trigêmeas, até o Leão, a Virgem, o Capricórnio, e a estrela que guiava os navegantes ela remexia pra confundir.

Me toma já de susto passando o branco na ponta do taco, as bolas se encaixando e batendo, aquele barulhinho bom, Rogério chamando de canto o parceiro-mocinho-assutado-com-cara-de-bêbado. Daí Maria Cecília me fala alguma coisa sem som, só os lábios no abri-fechar, a mão traçando no ar as direções, impulsos e movimento das bolas coloridas. Ela, cartomante dos jogos, vidente da mesa verde veludo. Surge a primeira tacada do Rogério, o espalhar, Ceci fingindo que bebe, Rogério vai relaxando a mão, os olhos dela ariscos, os meus pulmões já no terceiro cigarro penso à boca, Rogério perdendo, o parceiro, tonto, erra mais que acerta, os olhos entreabertos sempre focados na agudez dos movimentos de Ceci, deslizando pelas costas quando concentrada no movimento premeditado das cores e no fingir beber, nem nota.

O jogo encerra com nossa vitória fácil, pra chateação de Ceci que só confirma as dúvidas que recaem sobre meus acertos de jogatina. Rogério abraça Ceci, "Esta daqui é o filho macho que os Sabará nunca tiveram", já vai sacando a carteira, mas ela breca, como sempre faz nas lavadas, diz que é a primeira, sempre por conta da casa, que é pra voltar n'outras vezes, com parceiro "de confiança". No ta certo, ela me passa o copinho de cachaça nas beiras que eu engulo de uma vez, o troço mergulha queimando, eu fazendo a cara mais feia do mundo, ela sorrindo bonito, que nem faz tempo eu não vejo ela sorrir assim.

Na rua, ela acende um cigarro meu, joga o braço sobre meus ombros, em óbvio desajeito, e pergunta se agente não quer sair dali, festa decorada da vida, e ir lá pra casa-grande, tomar o vinho prometido, filosofar no chão amadeirado, sonhar fantasmas do ontem? Fala pra Renato só, ainda com jeitinho fingido de cafetã, que a prima tava chegada nele, que os dois lá na casa podiam fazer estrago que fosse. Sair aquilo da boca de Ceci era teatro de quinta. Esperta pros jogos, pras lógicas. Infantilíssima pra malícias sexuais, a tanto que só por milagre a mãe Sabará confiar desde pequena a moça ao meu lado, eu ainda desconhecido, selvagem das terras internas, por mil vezes já pensei "e se eu não fosse bem criado?". Por presságio feminino, as Tias, nunca vi, família assim só de mulher, deviam de olhar pra minha cara de moleque de roça filho de vizinha e acreditar, só acreditar, que mal não podia fazer. Mas Ceci, por motivos genéticos avariados, acabou por não pegar essa sensibilidade das tantas mulheres e ficou mesmo com os tinos do avô, um lô, patriarca já falecido, que parece a ter criado pra ocupar seu lugar no mundo. Mas Ceci era frágil pra algumas coisas, romântica de olhos. Sei lá de onde arrancara aquelas palavras pro Renato, vai que dos romances de banca que ficavam no porta-revista do banheiro. Peguei sua mão, gelada, trêmula, pedinte de socorro.

Que escondia algo no vão do coração eu já sabia a tempos, mas aquela era a hora decisiva. De quê sei lá, na hora nem importava saber. Amor deve ser coisa assim de não indagar, faz o feito e leva a carga montanha acima. "Verdade, Renato", completo as cortadas, "estamos combinados. Tem que aproveitar, que a Tia nunca deixa a prenda sair."

Dez minutos, estávamos nós de novo dentro do carro na estrada de terra, rumo à casa-grande, Ceci no passageiro enroscando erva em palha, eu no volante, Renato, alegre, Manuela, mais alegre. A primeira a tragar é ela, tosse que vem da boca do estômago e não sabe se ri ou se tenta respirar. Renato vai depois, puxa forte pra dentro do peito, infla e solta pra cima a fumaça barrento. O teto do azul faz nuvem de não chover. Ceci não sei se traga ou se finge de novo, coisa que ela sempre faz pra ganhar nos jogos. Quando a gente bota os pés na imensidão negra da fazendinha de café, os dois de trás já estão cambaleando um nos braços do outro, risonheiros, vendo sapo que é pedra e pedra que é sapo.

Ceci foi de corridinho pra acender o lampião da varanda e destranca com pancadas de corpo a porta da sala de recepção,

que range e faz que vai desmornar. O esconderijo nosso de infância, sebe perdida na imensidão das terras do avô, suporta nossa presença feito mãe de incontáveis filhos, as mamãs sempre dispostas a alimentar mais um. Assim, a Manuela é apresentada ao refúgio secreto da primogênita Maria Cecília, que ganhou de presente de 15 anos a casa grande já meio restaurada dos tempos áureos do café, brinco de pérola que o avô tratava com carinho nas horas vagas da primavera. Coisa meio miúda, em pé de estrada D'andadeira, perdida nas terras vermelhas das Gerais.

O presente acabou sendo meio meu, no pretexto de que era o infante-escudeiro da princesa, o fiel, urubu tomador de conta. Quando ela voltava às aulas, pra Capital, eu me fazia sinhozinho da propriedade, mudava as cumbucas de lugar, chamava os comparsas pra jogar truco e fumar cachimbo escondido. Certa vez, mas pra frente dos anos, levei uma namoradinha de momento, desconhecida. Ceci, abaçaçada, só descobriu a quebra de confiança porque a menina inventara de mexer no imexível: um vestido abandonado da antiga sinhazinha de mil anos atrás, seu único grande resguardo, o sagrado. A pobre me inventara de experimentar naquela tardinha fresca de fim de primavera, às vésperas da chegada de Ceci, devia de estar assim afelizada, desequilibrada dos últimos momentos de inédito torpor aventureesco, queria bailar com o rendado bufante, peça também devidamente restaurada pelos cuidados e dedinhos da padroeira guardadora de relíquias, só os santos sabem porque aquele vestido safado durara tanto tempo. O avô afirmava que desde encontrado, não havia feito um só remendo, mesmo porque de agulhas quem entendia era Dona Melinda sua mulher. Ceci não era de muitas palavras sobre o vestido apenas "não mexa, não toque, não pense nele". E ponto-cruz. No final das contas, o vestido não encaixou nas formas avantajadas da moça e foi deixado de lado, o lado errado pro meu azar.

O ralhar eu guardo até hoje: ciúmes de mim, do vestido, do meu ocultar, do desleixo de tudo, no mais, na quebra de confiança. Confiança era a palavra chave dos Sabará. Eu era uma falhada de reinado. A briga foi tão feia, cheia de meus joelhos ao chão, de Cecília ensandecia como nunca, que nem contei o acontecido no dia do experimento: a moça, com o vestido a meio corpo, tentando se espremer nas sensíveis sedas e cetins, ouviu um passar de carro, a terra da estradinha fazendo nuvem, um tango. *En el mundo habrá un lugar para cada despertar, um jardín de pan y de poesía.* Ela se apressou em desistir do vestido e cobrir-se de seus próprios panos, *para abrir de par em par*, no medo de ser alguém, *los cuadernos del amor*, parentes, *del gauchaje y de toda la gente*, estranhos. Tirado o vestido, os vestígios sonoros esgotaram-se. Nada de tango, nem de gasolina queimada no ar. Depois, na terra, só as marcas dos pneus do azulão do meu pai, que nessa época eu já me aventurava a governar.

Disso ela não ficou sabendo. Nem ousei tocar no assunto, fiquei à espera de seus perdões em miúdos, migalhas de esquecimento que eu colhia com cuidado.

Feito do escuro o claro, com as lanternetas empunhadas e lampiões bem predispostos, a loira se encantou fácil com a casa tão falada, que a prima não dividia com ninguém. Saracoteava pra lá e pra cá, sem medo do semi-breu, clariando as louças, as molduras, e sumia por vezes pra dentro de outros cômodos, com seu salto fino fazendo gemer as madeiras.

- Cê tem que ver a luz do dia – aludiu em alto e bom som meu primo Renato – o sol tomando conta, coisa de filme.

Logo ele se aquietou e perdeu os olhos no teto da escuridão. Nessas horas é que ele começava o ritual, tão decorado quanto à festa que deixamos pra trás, um palavrório sem fim de guia turístico. E havia platéia nova e ele caprichou: as colunas de granito, os forros de tábuas frisados a ouro, o lustre importado da Boêmia. Eu e Ceci sempre achamos que ele inventava essas coisas a respeito da casa só pra causar boa impressão, vagueando com sua lanterna pra lá e pra cá. A loira ficou boquiaberta, principalmente na parte da Boêmia, que ela provavelmente nem sabia onde ficava. Mas o grande ápice das divagações do Renato era a história da

sinhazinha espanhola, cheia de sertanejices e bravuras. Essa Ceci garantia que fora invenção do avô, que passada de boca em boca até chegar na de Renato, fez questão de deslumbrar. Manuela já estava sentada de índio aos seus pés quando ele entrelaçou os dedos pra começar a contar: "o fazendeiro dono era descendente de espanhol - sabe espanhol? - e a esposa tinha morrido de doença certa, ficou mesmo ele e a fia, uma beleza mesmo, de cabelo cacheado, ele queria casá-la com um tal qualquer endinheirado mas ela tava apaixonada por outro". Mas Ceci chegou focando a luz nos olhos de Renato, um verdadeiro holofote que de noite, dentro da casa, ela nunca abandonava. Uma lanterna imensa que o ló usava em pesca noturna, de se andar no meio do nada. Dizia que aquela história era pra guardar pra mais tarde. A prima fez um reclames, mas o Renato acalantou, dizendo que terminava depois mesmo, que a história ficava mais apimentada com curiosidade, e foi distraíndo, e quando eu vi os dois tavam de subida à escada. Lembro que levantei num pulo, cheio das indagações, mas Ceci me sorriu, sorriso de desconcertar, "Sossega, Lucas. Hoje a lua ta cheia, transbordando. Mal não faz".

E os dois iam passo a passo em direção a aquele quarto, e eu sabia que quarto, e Ceci também sabia que quarto, e os outros dois davam risos e eu senti uma inveja corrosiva que logo se desenganou. Era óbvio que aquelas fagulhas de alegria eram sobras de uma mentira lodosa.

Maria Cecília estava trêmula e seu coração fora de ritmo.

Uma vez me afoguei na cachoeira. Uma leva d'água me acertou, foi me levando pra baixo e pra baixo e Ceci encaixou o corpo numa pedra pra me puxar de volta, com uma força que nem era dela a ponto de destroncar o ombro. Depois, largados na beira, ela chorava, eu pensava de dor, mas mesmo além dava pra ouvir as batidas do seu coração, mais altas que as minhas, batidas deslocadas e fora de ordem, perdidas no corpo.

Meu pai pôs o ombro dela no lugar, aquilo fez um barulho horrível, ela mal gritou.

Só assim fui perceber que o choro, que eu julgava ser do ombro, era de medo de não me ver mais vivo junto dela.

E Ceci estava assim do mesmo jeito que estava na beira da cachoeira.

Aos poucos deixei de ouvir as vozes de Renato e Manuela. O corpo de Ceci se esforçava a relaxar, às duras penas, recostado na parede. A lanterna dela varrendo o salão feito guarda de cárcere.

"Vou chamar os dois pra baixo" eu disse, indo em direção à escada, a situação era bizarra, insuportável, e ela estava aflita, e eu estava sem entender, mas ela se jogou à minha frente, meu pulso entre seus dedos. "Se tu me gosta mesmo do jeito que tanto diz, não sobe lá".

A única promessa que fiz em vida é que confiava nela pra sempre. Eu que nunca fui dado á juras, só pra ela me erguia em declarações suicidas. E ela, boa de memória, me cobraria os cumprimentos tanto pra sempre. "Carece de ter medo, não", ela me envolveu em ternura, e na minha cabeça eu ouvi um "vai ficar tudo bem" que ela não disse.

Foi um breve alívio ver Manuela descer correndo os degraus e rodar, cheia de si, o vestido de Ceci, o vestido da sinhazinha espanhola. E com os mesmos olhos vi Ceci em nada se desmanchar, sem birras pelo sacrilégio, sem rompantes de fúria, ela apenas voltou o foco amarelo de sua lanterna pra porta e meus olhos seguiram essa luz. Renato ria de qualquer coisa junto de Manuela, creio que às minhas costas eles dançavam o silêncio, não, não o silêncio, pois em determinado momento todos nós seguimos com os olhos a lanterna de Ceci que, cruzando portas e janelas, tantas eram, clareava a estrada lá fora, evidenciando a presença de um automóvel que diminuía velocidade. Nítido, soava um tango fumegante.

Cecília, paralisada, se prontificou frente à porta, na distância de segurança pra matar onça. Empunhava a lanterna como se fosse uma espingarda, esperando algo de olhos semi-abertos, e eu podia sentir as lágrimas de pavor escorrendo pela sua garganta. O mesmo tango abafado que eu lhe havia escondido agora era estrondoso.

Ouvimos o silenciar do carro, logo havia passos no avarandado, e as batidas de recepção caíram sobre a porta. Minha lanterna clareou o rosto de Renato, que parecia grudado a parede, no canto mais escuro que pode achar. Manuela, meio tonta, se pôs na frente de Ceci, à beira da porta, perguntando coisas das quais não me lembro, talvez irrelevantes, mas Cecília mantinha em riste a lanterna, cegando a prima.

Daí a frente não dou certeza das minhas considerações.

Regularizei o de meu olhar. Dizer que não era um homem devia de ser afetação. Com sua entrada a música cessara em partes, parecia um rádio de pilhas fora de estação, dava pra ouvir os grilos. Passou um tempo parado com o braço à frente dos olhos, protegendo da luz forte. O amarelo dos cabelos de Manuela reluzia feito ouro.

"Princesa, estás envolta em luminosa aura. És estrela, nebulosa". E o homem, de dentro de sua capa, estendeu os braços à Manuela, como num pronto abraço, deu um passo à frente, mesmo de olhos fechados. Fazia gestos fabulosos em avantes fantasmados. Foi nesse movimento que vislumbrei o elemento transformador.

O único monstro que faria Cecília mensurar o medo. O castigo modelo aplicado pelo avô nas horas de manha e birra: "Ceci, não mexa aí, vou mandar o homem das luvas brancas te buscar", eu ouvira de relance pela infância e diante de seus olhos chorosos, nunca tive coragem de perguntar de que natureza era aquele bicho papão, lobisomem.

Pois ele viera mesmo. Estava trajado como se fosse a um baile, um velho baile ao qual havia perdido a tempos, tinha fala harmoniosa, macia. O monstro de Cecília era um príncipe de Carnaval.

Manuela deu um passo a frente, franziu as sobrancelhas para a mão estendida, parecia concatenar as idéias, juntar os símbolos, mas ela era criança, virou-se pra Cecília sem entender os quais e porquês e gosto de pensar que nem sequer por um instante imaginou que aquilo tudo era armadilha, pois se o caso fosse contrário, não a estaria levando pela estrada, já a teria esquecido pelo caminho, gosto de acreditar em sua pureza de vítima. Pois foi que ela deus as costas ao galanteador, de olhos arregalados, se voltou à Cecília, e proferindo seu nome por completo, Maria, Maria Cecília, é ele, o homem, as mãos, mas são luvas... brancas. E assim caiu a lanterna de Ceci.

Com uma braçada Manuela também foi ao chão, num grito, e rasgou a testa numa tábuca frisada de ouro. Com outra braçada ele afastou a capa da frente e com sua mão branca agarrou Cecília, atroz, pelo pulso, e a foi arrastando pra fora da casa, esquivando do que houvesse em seu caminho, inclusive das minhas investidas heróicas, e com a mesma voz macia, dizendo entre palavras e esforços, "você acha que vai me empurrar essa meia moça no seu lugar? Acha que é negociável?". Mas vi Cecília, ao gritos, aos prantos, o nome do avô morto, por favor, por favor e, quando com tropeços frenéticos cheguei na estrada, Renato capengando atrás de mim, vi ela ser empurrada pra dentro de um trailer amarelo e gritar, um grito arranhado, úmido, meu nome alongado. Eu corri com as pernas que ainda haviam, o trailer amarelo também correu com suas rodas, levantando a terra vermelha e eu nunca tinha me visto em pânico maior, tão branco, quando tudo desapareceu.

Talvez fosse aquele vago de informações.

Talvez fosse estar à margem da sobrevivência, como no caso da cachoeira, mas sem ninguém pra me puxar.

Talvez fosse lembrar da Manuela sangrando lá dentro, mas sem forças que me levassem a ela.

Talvez tudo isso e mais me fizera esbofetear Renato até vê-lo encolhido no chão, suas lágrimas fazendo barro, depois dele dizer, em meio ao silêncio, visivelmente transtornado: "Já reparou, Lucas, que o mato, no escuro, tá mais pra bicho velho esperando pra atacar?".

Ensaio sobre a longevidade

por Rafael Castro

G. J. Hyo indica em seu livro "Gratos anos, ingratos dias" uma questão muito pouco explorada pelos pensadores da morte: o que vem após ela. Antes dele nenhum autor tinha ido a fundo à questão existencial por trás do "viver" do zumbi. Nem mesmo os grandes filósofos zumbis ousaram falar de sua suposta imortalidade. O que realmente orientou seus pensamentos contra essa dúvida?

Possivelmente só poderíamos fazer conjecturas que nos levariam a desacreditar nobres eruditos como Ruil F. D. Raskul, o qual eu não gostaria de desmerecer ou discordar. Sua teoria sobre o infinito negativo que leva todos os homens maus a tornarem-se zumbis pela eternidade é bem fundamentada, e combate com êxito teorias racistas, como a do livro "Minha vida" de Thiler H. Geur, onde é colocada em dúvida a validade da pós-vida assim como a capacidade mental dos mortos-vivos. Deixo essas questões de lado e sua importância também.

Todo corpo reanimado tem o direito de se defender de críticas contra seu entendimento e de enfrentar quaisquer obstáculos a seu conhecimento. É neste ponto que podemos pensar sobre a condição de nosso povo, por que temos que nos defender de críticas e necessitamos afirmar nossa identidade frente a um mundo vivo que tenta mascarar nossa existência a todo custo? Sendo esta tão diluída e parecendo eterna — o primeiro de nós, Egroeg Oremor, continua vivo — temos também que nos proteger de ataques de todas as frentes políticas. Esta questão é apenas burocrática em nossa existência e visarei ignorá-la também.

Sobram as questões mais essenciais sobre a vida morta. Como poderia um ser tão antinatural tentar a contraditória empreitada de descobrir sua natureza? Fomos criados por algo que escapa a nossa concepção geral de mundo, afinal, havíamos morrido e então voltamos a caminhar e realizar todo tipo de função humana. Nem sempre foi assim, antes todos nasciam, se reproduziam e morriam. Hoje, após a morte, alguns continuam vivendo, sem que haja nenhum motivo para decidir aqueles que vão e aqueles que voltam, porém esta é uma questão para ser desenvolvida em outro ensaio. Primeiro faz-se necessário discernir as

Sobram as questões mais essenciais sobre a vida morta.

questões complexas acerca do problema existencial dos vivos, que é o contraditório fato de nascer para morrer. A vida sempre segue seu curso e a confusão de ser lançado ao mundo sem querer e sem saber o que fazer nos assombra, juntamente com ser retirado dele justamente quando mais queremos continuar nele. A angústia de estar perdido, o desespero de não conseguir enfrentar a morte e o delírio causado por estar tão vivo e ao mesmo tempo tão próximo da morte. Cito Zuil de Guirloy: "A forma de estar mais próximo da morte é estar vivo, afinal, os mortos não morrem". Era este o grande delírio de um querer viver e querer morrer. O problema do existir nunca pararia por aí, pois sempre haveriam pensamentos quanto à existência do mundo, e etc... Contudo, num mesmo viés, a pergunta fundamental se aprofundou, pois nós surgimos. A cada dia mais renasciam, mais agressividade os vivos voltavam contra eles e um dia começaram uma guerra contra nossos irmãos— ainda hoje não sabemos se eles, depois de serem despedaçados, continuam "vivos" — até o dia em que um homem e um zumbi conseguiram finalmente demonstrar que poderiam atuar conjuntamente no mundo. Alguns até dizem sobre grandes negócios que estes conseguiram realizar no pós-guerra. Toda essa questão colocou a questão da existência frente a uma nova problemática: e se morrermos e voltarmos? Seremos os mesmos? Seria apenas uma "economia na reprodução"? Todas essas questões foram deixadas de lado, e não representavam nenhum estudo sério e sistemático da questão.

Tratemos então de esmiuçar a primeira questão que toca nossas mentes após o "renascimento": se somos os mesmos de antes da morte, se nossas memórias, nossas tendências, opiniões, certezas e personalidades ainda constituem um mesmo ser. Antes de morrer, passamos muitos dias aprendendo, construindo uma individualidade, afirmando e negando informações, todavia, isso constitui um processo no qual é difícil identificar o ser. Nas poucas vezes que tentamos parar e analisar este paradigma, somos tomados por um forte orgulho que tenta situar todas as informações recolhidas pelas percepções e guardadas pela memória como pertencentes a um mesmo ente. Não conseguimos negar a validade dele, entretanto, podemos manifestar uma negativa de base para esta questão. Ora, sem a memória nunca conseguiríamos atingir esta "consciência de unidade" e tudo seria muito mais fluido. Poderíamos sim dizer que aquilo que não tem consciência não se constitui em ser, mas cairíamos na perigosa armadilha da classificação irrestrita, na qual não procuramos à verdade, e sim uma divisão hierárquica entre os seres — algo de um gosto baixo e plebeu.

Voltemos ao que tentávamos tratar anteriormente, e vejamos que mesmo enquanto vivemos nossas experiências nos constroem e fazem com que o novo só se ligue ao antigo através da memória. E quando temos o distanciamento desta memória por um fato traumatizante como morrer? A memória dilui-se e se conecta com outros seres constituintes do mundo, adquirimos lembranças de plantas, fungos e animais que por ali morreram ou que de alguma forma tiveram células anexadas ao nosso organismo enquanto entrávamos em putrefação e "desputrefação" (momento em que o corpo retoma o funcionamento de certos órgãos e regenera partes do corpo). Quando nos erguemos pela primeira vez, tudo parece ter sido um sonho, e apenas algumas memórias de nossa humanidade são retomadas, dentre elas as faculdades cognitivas e os aprendizados mais substanciais, — Língua, movimentos básicos e estruturas do pensamento — com isso, começamos a construção do pós-vida, que vai nos dando a cada dia mais lembranças desconexas que parecem nebulosas e irreais. Muitas vezes parecem ter sido vividas por um homem no qual você estava inserido, mas não possuía controle nenhum sobre suas ações. O homem da vida após a morte parece ser feito à base do que fora quando vivo, contudo sua vivência é produzida por sua memória pós-vida. Ele é o corpo de um homem vivendo depois deste homem, e também é a mente de um homem vivendo depois dele.

A segunda questão primordial toca no fato de não morrer e assim ampliar a angústia de não haver um motivo para que se viva. Se for desesperante pensar que nascemos para morrer, é muito mais pensar que nascemos para viver e assim vivemos para uma eternidade de dores e sensações que já não conseguimos suportar como antes. Para que isso seja atenuado precisamos descobrir o sentido da vida de um não vivo. Isso sem cair em questões místicas como "voltamos para cumprir uma missão". Estamos aqui por certa contingência e é exatamente neste fato que se encontra a resposta. Nós estamos perdidos e sem razão para existir, logo, temos apenas um caminho a seguir: tornar nossa existência, individualmente, necessária. Esta não é a nossa missão, porém é a única coisa que podemos tomar como objetivo. Encontramos a solução na própria problemática, já que tornar-se o contrário do que é problemático resolve o problema. Quando cito esta solução muitos a descartam ou não entendem o que quero dizer com ela. Devemos rolar uma pedra até o alto de um monte e cuidar para que ela não desça o caminho de volta, é assim que se cria a necessidade. Nesse exemplo simples conseguimos entender que a busca que temos de realizar é a de criar problemas e resolvê-los, para que existamos com um sentido, não um sentido vazio ou falso, mas um criado a partir do indivíduo e apenas para ele mesmo. O herói que tem o prazer de escolher sua dura jornada, entretanto sem o prazer de receber honras ao terminá-la. E reitero que este sentido nunca deve ser o de comer cérebros de seres humanos vivos.

Rulf Solarien – Morto-vivo, Ph.D. em ciências da pós-morte.

Boticário

por Luiz Pires

Já tinha visto o anúncio por muitas vezes. Foram muitas vezes também que martelaram as palavras cantadas inquietantemente em sua cabeça. Alguns dias passaram, por fim, até que ele estivesse certo que queria fazer aquilo – que não era loucura, que havia verdade no anúncio.

Decidiu no entanto que faria isso longe de casa, longe do trabalho e até mesmo longe do colégio que freqüentara quando era criança, se possível faria longe mesmo da civilização, mas é que ali não haveriam lojas nem butikues.

Não disse nada ao seu chefe no trabalho e, por volta do horário de almoço, saiu pelas portas da empresa e pegou o primeiro ônibus que o deixaria perto do local escolhido.

Diante da fachada verde da loja, a timidez pareceu transformar-se em excitação. Adentrou pelas portas de vidro, trombando levemente com algumas senhoras perfumadas e dirigiu-se a um balcão nos fundos, onde uma pequenina e jovem atendente bem penteada estava disposta a atendê-lo com um sorriso. Sempre foi bom com as mulheres, aliás muito bom diga-se de passagem, mas agora antecedia um encabulo até então desconhecidos.

- Vim por conta do anúncio.

A menina olhou-o com interrogação.

- Eu pensei bastante e sei que é verdade – gaguejava um pouco, era daqui o anúncio, não é?

Agora a atendente tinha certeza, tratava-se de um lunático e era preciso conversar com ele com naturalidade, do contrário ele poderia agir perigosamente. Assim como tinha aprendido na semana de treinamento.

- O senhor está atrás de uma fragrância específica? É para o senhor ou é para presente?

O cliente olhou-a com espanto, não imaginava que um serviço assim poderia ser dado como presente. Deviam haver, quanto a isso, até mesmo implicações legais.

- Não, não... é para mim, estou descontente. Quero mudar tudo... um tipo assim intelectual, como esses de óculos fundo de garrafa que dizem, sabe, que dizem coisas muito boas mas que ninguém entende muito bem... É com você mesmo que eu posso falar.

- Claro que sim, senhor, acho que tenho a coisa certa para você! – abaixou para pegar um frasquinho e borrifou o conteúdo cheiroso em uma fitinha de papel.

O visitante deu uma risadinha com o canto da boca e debruçou-se maroto em direção a atendente, ignorando a fitinha perfumada que ela oferecia.

- Não é disso que estou falando, espertinha! Eu quero a outra coisa, a do anúncio!

Agora sim, aquilo soou verdadeiramente perigoso para a vendedora, ela era moça direita e risadinha com ela não tinha não. Deu uns passos para trás e engrossou a voz. Olha só, aqui não tem disso não, é loja de perfume e todo mundo sabe, isso aí que o senhor está procurando é do outro lado da rua e só abre de noite.

A confusão chamou a atenção dos clientes e do gerente também, que estava atendendo uma socialite do outro lado da loja. Ele dirigiu-se amável até o cliente e perguntou, com alguma seriedade, o que estava acontecendo.

- Olha, eu vim pelo anúncio, sabe. Ela me ofereceu desodorante... não! Eu vim pelo anúncio... não é isso que eu quero. Só estava me explicando, sabe?

- Que anúncio, senhor? (sisudo e apático).

- O do rádio, sabe? Tem na tv também, abaixou o tom de voz e inclinou-se para frente, dessa vez como quem vai falar um segredo, e falou baixinho – aquele que diz que a gente pode ser quem quiser.

O gerente deu risada e explicou que era no sentido figurado, que era por causa das fragrâncias, dos odores. Muito habilmente mudou de assunto, animou a conversa e pegou alguns frascos do balcão.

- Não, cara! Não! Eu sei que é verdade, eu pensei bastante e sei que é verdade! – o visitante estava exaltado, estava bravo, bravo mesmo!

- O que é preciso? Sociedade em um clube, ser de uma religião? Eu me converto! Eu pago! Tenho carro, eu dou!

Parecia que uma luz sinistra tinha pousado sobre a cabeça daquele homem, todos na loja olhavam com certo horror, com certo medo. Era uma situação como que saída dos filmes – pior – dos noticiários. Aquilo não havia de acabar lá muito bem.

Muito bem treinado e com anos de experiência em gestão de pessoal e lido com os fregueses mais excêntricos, o gerente piscou para as atendentes e sorriu para o cliente alucinado.

- Não, não é preciso. Na verdade, fazemos isso lá nos fundos, aqui algumas pessoas se assustam. Evitamos até comentar nessa parte da loja. Venha comigo.

Pegou o cliente pelos ombros e foi indo para o depósito. Antes de entrar, fez um sinal para as funcionárias de que estava tudo bem e que daqui a pouco voltaria.

Estava vazio e escuro o depósito. Muitas coisas dentro de caixas grandes de papelão. Ele achava que seria mais organizado em uma franquia tão grande.

O gerente tirou algumas caixas que revelaram uma porta escondida na lateral do prédio. O cliente logo teve certeza de que ia levar um soco no estômago e que seria jogado numa lixeira suja nos fundos da loja - e bem naquela hora do dia.

- Olha, eu sei que é verdade, ok! E não vou desistir dessa história, sabe. Eu sou jornalista! (blefe) Se me bater vai estar enrascado! E você não é tão grande assim! Vai chamar um segurança?

- Não, eu até já fui segurança. Mas esta não é a porta dos fundos. Pouca gente sabe dessa porta aqui. Tirou uma chave do bolso e abriu a velha porta de ferro. Era maciça e abria para fora – ou melhor, abria para dentro. Era um longo corredor de piso de concreto.

- Onde isso vai dar?

- Onde você tanto quer, mas eu não posso ir com você, vou levantar suspeitas se demorar muito. Tome este cartão e vá até o final do corredor. Não se esqueça de pegar uma senha.

O visitante sabia que seria muito estranho se fosse verdade, mas não imaginava que seria tão ficção-científica, tão 007. Por um momento sentiu alguma emoção, medo talvez, e foi tomado por um frio na espinha quando o gerente fechou a porta atrás dele. O sentimento passou quando ouviu a chave girar dentro da porta e mais ainda quando veio o som das caixas sendo empilhadas de volta ao seu lugar. Havia algo errado ali.

Andou durante algum tempo no corredor mal iluminado, segurando o cartãozinho verde e branco com o logo da loja na mão direita até chegar a uma evidente sala de espera. Pegou uma senha na maquininha e se sentou em um banco meio sujo. Olhou para cima: afinal, onde ficava aquele lugar?

O teto era baixo.

Não havia ninguém no guichê para acender o letreiro luminoso, mas logo entrou na sala de espera uma loira enorme e escultural, com um jaleco branco e mini-saia. Parecia saída de um elenco de filme pornô – escandinavo ainda por cima. Poderia estar no lugar que a atendente tinha mencionado? Não parecia bom, nada normal.

- Número 23? Eu sou a doutora Antônia Rodrigues. Você vem comigo agora.

Ele olhou para o cartãozinho. Estranho era, mas uma marca grande como aquela não podia se envolver com sacanagem. Não naquela hora do dia. Levantou e cumprimentou a doutora. Muito perfumada ela.

A sala dela era um pouco estranha também. Ele se sentou em uma cadeira estofada, a doutora do outro lado da mesa, numa cadeira ainda maior, ainda mais estofada. O lugar todo tinha uma aura meio sinistra. Havia um chimpanzé numa jaula enorme que cobria toda a parede do fundo, os móveis fora de moda, um tapete verde e um diploma pendurado próximo a mesa, que trazia ainda um pássaro empalhado sobre ela.

Conversaram por um tempo, a doutora fazendo anotações.

Falaram sobre o que ele tinha ido fazer na loja aquele dia. Que tinha fugido do trabalho e pretendia não voltar. Que queria ser outra pessoa, ser ele não era tão bom assim quanto ele imaginava uns anos atrás – quando começou. Ele tinha desde sempre seguido o caminho errado e agora tinha certeza qual era o certo. Estava disposto a mudar.

Entraram dois sujeitos vestindo macacões nas cores da loja: verde e branco – e o logotipo no bolso da frente. Pelas roupas pareciam faxineiros, mas o aspecto era daqueles modelos que viram atores de quinta categorias – bonitinhos e com cara de bobos, desses que não falam, como se nem tivessem língua. Estava tudo pronto.

- Oh, os meninos chegaram! Acho que já podemos começar.

Foram os quatro para uma sala de cirurgia. O visitante foi orientado a despir-se, pouco se falou no processo de transformação, e a tomar banho também. Lave bem atrás das orelhas, é onde há maior perigo de infecção.

Quando voltou, estava nu, limpo, com frio e cercado por umas 15 pessoas com macacões da empresa, rostos cobertos por máscaras cirúrgicas. Silenciosos, a espera. Doutora Antônia tentou acalmá-lo, disse que já não oferecia riscos, que ela mesma já havia se submetido ao processo. Todos ali haviam. Estava mesmo tudo bem e a sala desapareceu no escuro da anestesia geral.

Ele acordou zozno, como se tivesse levado uma pancada na cabeça. Talvez o gerente tivesse mesmo dado-lhe uma surra afinal. Estava pesado e sentia-se mole feito gelatina. Assim que sentou, viu-se em uma sala de cirurgia. Uma pessoa entrou pela porta. Era a doutora Antônia, com um sorriso enorme no rosto. Estranhamente, o homem sentiu-se completamente desconcertado.

- Ficou ótimo! Como você tinha pedido. Que bom que acordou!

A doutora Antônia trazia um espelho. Nele o cliente/visitante/paciente pôde ver o seu rosto. Não, não mais um rosto liso e bem estruturado, com a barda mal-feita de maneira charmosa e um sorriso cativante. Agora havia um bigodão preto por baixo de um nariz grande, engravados em um rosto redondo e – podia-se dizer – gordo. E ainda por cima não via nada muito bem. Estava perfeito.

O corpo estava mais baixo e também mais robusto, a postura estava pior. Resolveu dizer alguma coisa.

- Oh, agora sim! Já me sinto bem melhor! A propósito, tudo se parece diferente. Minha voz também está muito mais respeitável afinal. Neste ponto, doutora Antônia lhe estendia os óculos enormes e fundo de garrafa.

- Vamos lhe trazer também uma calça jeans e uma camisa.

-S-sim, sim... é claro doutora, muito obrigado. Muito obrigado, eu já vejo um futuro brilhante para mim... minha vida mudou, graças a você! ... a vocês. – cobria-se melhor com o lençol.

Não havia nenhuma cicatriz, nenhuma marca. Tudo estava no lugar, não no de sempre é claro, mas no lugar que devia estar.

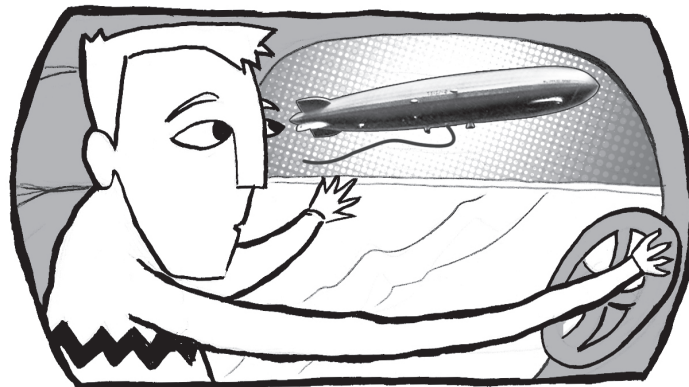
Doutora Antônia saiu da sala, com um sorriso enorme no rosto. Era assim com todo o paciente, ao menos, com todo o que dava certo. E esse era especial, como ela mesma. Uma mudança mais dramática, para algo diferente do convencional, ninguém poderia esperar isto de um rosto, de um corpo (e no caso do rapaz em questão) de um carisma como aquele.

Ela voltou para sua sala e deu comida a seu macaco, acariciando-o.

- Viu, minha querida esposa, eu sempre lhe disse. Somos muitos os que não nascemos como deveríamos, em corpos errados. Você podia dizer que era puro fetichismo, podia dizer que estávamos persuadidos pela mídia e por padrões loucos de beleza, que não tínhamos razão no que estávamos fazendo. Mas às vezes a natureza erra, minha querida. Eu vim para consertar o que está errado.

Deixou para trás o macaco fazendo muito barulho, esgançando, e foi para perto de sua mesa. Antes de descansar em sua cadeira com a certeza do sucesso, ajeitou a mini-saia e alinhou o diploma que trazia na parede emoldurado – e que havia conseguido com muito sacrifício numa universidade que temia por seus experimentos e desprezava suas teorias.

Nele estava escrito: Doutor Antônio Rodrigues Mendelin, químico.





Crição: Tadeu Costa Andrade, Luiz Pires, Joyce Nicioli, Paula Betereli e Rafael Castro.

Arte: Luiz Pires.